



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil – Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.**

**ANO 2022**

**Setembro**

**Nº 411**

### **NECROLÓGIO DO Cel ALTINO BERTHIER BRASIL**

Acadêmico Emérito da AHIMTB/RS, antigo ocupante da Cadeira General Emílio Fernandes de Souza Docca



AO MESTRE, COM CARINHO

Dr. Eduardo Cunha Müller

AO MESTRE, COM CARINHO

Parafrazeando o nome de um filme que fez muito sucesso na década da 60 – seja pelo tema tratado, seja pela sua trilha sonora – presto, em nome daqueles que foram seus alunos, esta sentida e justa homenagem, ao quase centenário professor, que recentemente nos deixou.

Altino Berthier Brasil, nasceu em Palmas – PR, em 1924. De família humilde, como tantos ingressou na grande escola dos pobres, que é o Exército Brasileiro, que sempre propiciou que os desvalidos da fortuna pudessem estudar.

Em 1945, se forma na Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre-RS, seguindo para a Escola Militar de Rezende, sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria, em 17/12/1948.

Nos primeiros Postos da Carreira Militar, serviu em Curitiba-PR e Foz do Iguaçu-PR, quando foi transferido para a Escola Preparatória de Porto Alegre-RS – EPPA, onde estudara, para exercer a função de Instrutor e, posteriormente, de Comandante de Companhia.

Em 1955, através de Concurso, ingressa no Quadro de Magistério do Exército, como Adjunto de Cateadrático da Cadeira de Francês, sendo classificado na sua velha conhecida, a Escola Preparatória de Porto Alegre-RS.

Aí se inicia a sua brilhante trajetória como Docente, ensinando o idioma de Verlaine, do qual era profundo conhecedor, a todos quantos tiveram a graça de passar pelas arcadas do Velho Casarão da Várzea.

Com a criação do Colégio Militar de Manaus-AM, já em fim de carreira no Magistério do Exército, para lá é transferido. O que, aparentemente, se constituiria em ato de rotina administrativa, revelou-se de grande significância, não só para o já então Cel Berthier, mas bem como para a Região Amazônica.

Apaixonando-se pelo chamado Inferno Verde, na expressão do grande Euclides da Cunha, direcionou à Amazônia as suas inquietações intelectuais, tornando-se um dos seus maiores conhecedores, mercê de estudos permanentes, seja em relação a fauna, flora, aspectos históricos, geográficos, antropológicos e ambientais, da região.

Não é à toa que foi distinguido com o título de Marupiara, que, corresponde ao de cidadão da Amazônia, fazendo parte de várias expedições científicas, históricas e geográficas, que cruzaram o seu território.

Mas, não apenas nesses campos se restringiu a sua atuação, tendo sido Subsecretário das pastas da Segurança Pública e da Indústria e Comércio, do Estado do Amazonas, dada a elevada gama de conhecimentos que detinha acerca da região.

Os anseios da família e o avanço dos anos fizeram que este Amazonense Honorário retornasse ao solo Gaúcho, sem, jamais, esquecer-la, que ele elegeu para viver e morrer, sem jamais esquecer-la.

Professor dedicado e atencioso com os seus alunos, não precisava da sua patente hierárquica para impor-se; a sua autoridade era natural!

Tive o privilégio de ser seu aluno e a ventura de ser seu amigo. Através dele, por entender que satisfazia os pressupostos necessários, fui indicado para compor os Quadros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, como Membro efetivo.

Vasta é a sua produção intelectual, abarcando estudos científicos sobre a Amazônia e o Meio Ambiente, afora obras literárias sobre diversos temas.

Como coroamento de uma vida dedicada ao estudo da floresta e seus habitantes, ocupou o cargo de Secretário Adjunto da Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República, no ano de 1990.

O Extinto pertencia a diversas Entidades científicas e culturais, dentre elas: Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Academia Rio-grandense de Letras; União Brasileira de Escritores/RS e AM; e a SAMBRAS/RS (Sociedade Amigos da Amazônia Brasileira), da qual foi fundador e ex-presidente, sendo ainda conferencista no Brasil e no Exterior.

Em apertadíssima síntese, finalizo, transcrevendo as palavras de Camões, em Os Lusíadas:

*“Ditosa Pátria que tal filho teve”.*

Eduardo Cunha Müller,

Advogado e ex-aluno do Colégio Militar de Porto Alegre-RS

# A Batalha do Passo do Rosário

(20 de fevereiro de 1927)

Interpretação do Cel Juvêncio Saldanha Lemos no livro *Os Mercenários do Imperador*  
(Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996, p. 237)

Vamos tentar sumariar, na parte que nos interessa diretamente, a Guerra Cisplatina. Duas derrotas acachapantes — no Rincón de Las Gallinas (24 de setembro de 24 Set 25) e em Sarandi (12 de outubro de 1825) haviam expulsado definitivamente as forças brasileiras da terra uruguaia.

Em todo o território da Província Cisplatina, apenas Montevidéu e Colônia subsistiam como guarnições imperiais, isoladas, cercadas por terra, mas supridas pelo rio da Prata.

O ano de 1826 decorreu com os dois lados preparando-se para o embate decisivo.

Platinos e brasileiros acumularam homens e meios, e as Intenções estratégicas eram evidentes.

Os brasileiros concentraram tropas no Rio Grande (do Sul), próximo à fronteira, para invadir e reconquistar a rebelada Cisplatina; os platinos reuniram forças para invadir a província do RS, a fim de destruir o Exército Imperial que ali se formava e que se constituía na única e formidável ameaça à sua Banda Oriental.

Para o comando-em-chefe das forças brasileiras foi nomeado, em 1º de dezembro de 1825, o General Francisco de Paula Massena Rosado, um experiente militar português que exercia no Rio de Janeiro o bucólico cargo de Comandante do Depósito de Recrutadas da Praia Vermelha.

Rosado só cometeu um erro nessa espinhosa missão. Mas um erro fundamental e determinante dos eventos que se lhe seguiram: elegeu a região da Capela de Santana — atual cidade de Santana do Livramento — para concentrar todas as tropas disponíveis para a campanha contra os platinos. A decisão foi absurda.

O colossal acampamento levantado naquele deserto, em março de 1826, batizado com o nome de Imperial Carolina, por sua distância dos vitais armazéns de Porto Alegre, Rio Pardo e São Francisco de Paula (Pelotas), era logisticamente inviável — basta recordar que, na época, o suprimento era feito por carretas de boi que, quando as estradas permitiam, conseguiam a velocidade máxima de 20 Km por dia — e taticamente vulnerável a um desbordamento que, isolando-o desses centros, o aniquilaria sem a necessidade de disparar um só tiro. O que quase aconteceu.

Para piorar as coisas, Rosado incompatibilizou-se com o irascível Brigadeiro José Egdio Gordilho de Barbuda, Presidente da Província, que passou a opor-lhe toda a sorte de empecilhos na distribuição de suprimentos.

Resultado: o acampamento Imperial Carolina tomou-se palco de cenas dantescas, que desafiam a nossa imaginação. Foram oito meses de miséria, fome, frio, doença, morte. O inverno foi suportado sem capotes ou cobertores.

Em ofício de 18 de novembro de 1826, o General Rosado queixava-se ao Presidente da Província:

"O alimento do Exército é o serviço de maior importância para sua existência, e se Deus não nos desse o inverno passado tão favorável teríamos perdido metade da força atual com as horrendas fomes" (Guerra com as Províncias Unidas do Rio da Prata).

Lima e Silva (tio do futuro Duque), que como capitão viveu esse horror, confirma:

"Durante oito meses quase sucessivos não houve nem grão de farinha. Desenvolveu-se no acampamento a desintéria e, se me não falha a memória em poucos meses foram aí enterrados 500 ou 600 praças. Tudo isso foi consequência da fome ou má alimentação, da falta de abrigo, do mau tratamento em improvisados hospitais de palha e da escassez de medicamentos" (Luiz Manuel de Lima e Silva).

O jovem Tenente Manuel Luiz Osorio conseguiu sobreviver ao Imperial Carolina; e, em 1877, como Marechal e Senador, declarou emocionado, referindo-se àquele acampamento:

"O Exército enterrou ali mais de 700 soldados, mortos quase à fome, no estado mais deplorável, sem medicamentos, sem hospitais. Tudo era miséria".

O depoimento de outra testemunha, Machado de Oliveira, classifica o Imperial Carolina como "...o inqualificável amontoado da capella do Livramento". E vai adiante, dizendo que o baixo rendimento do Exército Imperial na decisiva batalha do Passo do Rosário...

"...deveu-se em máxima parte à localidade em que se o fez estacionar, saturada, como ficou em pouco tempo, de elementos insalubres e em cujo acanhado círculo habitavam milhares de homens expatriados, aspirando um ar constantemente mephítico e sujeitos a rigorosíssima disciplina militar, do que resultou serem acometidos de graves endemias, que aos poucos que resistiram sobreveio o rachitismo, que os tornou valetudinários por longo tempo. Não menos cooperou para isso a privação de provimento de toda a qualidade..."

O capitão Seweloh, alemão engenheiro militar do Estado-Maior do Marquês de Barbacena, também conheceu o famigerado Imperial Carolina. Não gostou do que viu:

"O Exército estava em Sant' Anna, um dos ângulos muito salientes da fronteira entre o Rio Grande e a Cisplatina, sem vantagens estratégicas militares ou econômicas, avançando sem segurança e em completa desordem sob o ponto de vista da castrametação (arte de assentar acampamentos). Eu, sem antes lá ter estado, entrei duas vezes de noite e sem guia no acampamento, pelo lado dos principais ingressos, sem encontrar uma única sentinela; já em meio caminho, me tinham dito em algumas estâncias, que nada era mais fácil do que uma surpresa do acampamento, collocado em tão ruim posição, que nem bandos de índios vagabundos alli teriam permanecido. No próprio acampamento nenhuma ordem se notava, não tinha frente, nem praça de alarma, e de reunião; não era uma posição militar, nem tal existia alli. As tropas misturadas faziam frente umas para

as outras; parece impossível descrever o quadro, com todas as cores que realmente tinha. Infelizmente perdeu-se na batalha a planta".

Quanto ao hospital, relata o alemão:

"O hospital de Sant' Anna era um quadro revoltante de miséria e desgraças. Doentes de todas as classes, sem separação, sem remédios, sem tratamento, morreram no chão indiscriminadamente, sem receber um único testemunho de solicitude durante a vida, sem encontrar o menor desvelo na hora derradeira".

O Marquês de Barbacena, que chegou ao Imperial Carolina no dia 1º de janeiro de 1827, onde substituiu Massena Rosado no comando-em-chefe, também registrou queixosamente a sua desilusão com o local. Em ofício ao Ministro da Guerra, datado de 14 de janeiro de 1827, dizia o novo Comandante-em-Chefe imperial:

"Illmo. e Exmo. Sr. - Cheguei ao acampamento do Livramento no dia 1º do corrente e começando imediatamente a revista do pessoal e material do Exército, conheci desde o primeiro dia que o seu estado era mil vezes pior do que anunciavam todas as notícias que grassavam no Rio de Janeiro antes de minha partida..."

Em seguida lamenta (" ...o que mais sinto ... ") não ter tido tempo de preparar "...casa e camas para os doentes, que jaziam no chão, com menos espaço do que têm os pretos em navios de escravos..." Pois bem.

Esse inferno foi vivido em toda a sua plenitude, desde o princípio até depois do fim, pela Companhia de Voluntários Alemães; pode-se mesmo afirmar que, em termos de sacrifício e sofrimento, nenhum soldado alemão padeceu tanto como aqueles pobres diabos enxotados de São Leopoldo.

Desde fins de 1825 que os buenaienses concentravam forças para intervir na Questão Cisplatina. Na margem direita do rio Uruguai e sob o comando do General Martín Rodrigues, montaram o chamado acampamento do Arroyo del Molina. Em meados de 1826, esse exército atravessou o rio Uruguai, na região de Salto, e penetrou no território oriental, seguindo na direção Salto — San José — Durazno. Em julho de 1826 já estava instalado junto a um dos afluentes do rio Negro, no denominado acampamento do Arroyo Grande, que seria a base final para a invasão do nosso Rio Grande. Em 1º de setembro, nesse acampamento, assumiu a chefia do Exército platino-oriental o general buenaiense escalado para comandar a campanha contra Brasil: Don Carlos Maria de Alvear. Homem culto e inteligente, mais político que soldado — tal como Barbacena — Alvear ultimou os preparativos e, em 26 de dezembro de 1826, à testa de 9.000 homens e 16 canhões, iniciou sua marcha contra os brasileiros, deslocando-se pelo vale do rio Negro, na direção de seu primeiro objetivo estratégico: Bagé!

Como vimos acima, cinco dias depois do início da marcha platina, isto é, 19 de janeiro de 1827, o Marquês de Barbacena assumia o comando-em-chefe do Exército do Sul, no acampamento Imperial Carolina. Homem culto e inteligente, mais político que soldado — tal como Alvear — Barbacena logo convenceu-se de que a posição imperial, em Santana do Livramento, era uma ratoeira.

Quando começaram a chegar os informes de que uma enorme coluna platina progredia na direção do Rio Grande, o coração veio-lhe à boca. Se o inimigo chegasse a Bagé, ele estava frito! Primeiro, porque lhe cortava os suprimentos; segundo, porque impediria que os grandes reforços que estavam concentrados em São Francisco de Paula (Pelotas), com o Marechal Brown, bem como a Brigada de Cavalaria do Coronel Bento Gonçalves, destacada no Jaguarão, chegassem até ele. Assim, o Exército Imperial, inapelavelmente dividido, seria batido por partes.

Impunha-se, pois, abandonar o mais rápido possível a posição em Santana do Livramento. Isso foi feito, a toque-de-caixa.

Em 13 de janeiro de 1827, quando Alvear já acampava ao norte do rio Taquarembó, saiu Barbacena do Imperial Carolina, à frente de 4.000 homens e 12 canhões, na direção geral do leste.

Para aligeirar o movimento, a tralha e os imprestáveis para a luta foram deixados no nefando acampamento, com uma guarda composta por semi-imprestáveis. "Cada corpo, cada oficial disse um saudoso adeus às suas queridas bagagens".

Em seu depoimento para a história, Barbacena assumiu a responsabilidade por essa decisão:

"Doentes, bagagens, ficaram no alto da serra de Sant 'Anna, denominado Morro do Hospital, que fica próximo à capella do Livramento e à cavalleiro d'ella: guarneceu-o o batalhão provisório, sendo reforçado com todas as praças estropiadas".

Que batalhão provisório seria esse? Trata-se apenas de outra denominação, usada por Barbacena, para designar a nossa Companhia de Voluntários de São Leopoldo. Encontramos a causa dessa quase confusão no depoimento da Testemunha Ocular:

"O reforço chegado era insignificante, e compunha-se de uma companhia de 150 a 200 alemães recrutados na colônia São Leopoldo com destino à Cavalaria, e que em vista de tirarem os milicianos invejosos os equipamentos necessários, foi reduzida a um batalhão provisório de caçadores. Mas estes mesmos pouco valiam, pois sua maior parte era composta de verdadeiros inválidos, motivo pelo que não haviam sido engajados já no Rio de Janeiro".

Apesar do absurdo erro no efetivo, vale como explicação. E quanto ao Morro do Hospital, citado por Barbacena?

Lima e Silva confirma que, para livrar-se da tralha, Barbacena mandou fazer abarracamentos em um cerro,

"...onde foram depositadas as bagagens pesadas dos oficiais e reserva dos corpos. Esses barracões foram feitos com presteza, e o lugar ainda hoje guarda o nome de Cerro do Depósito".

Prossegue: "A guarda do depósito de Santana..."

É muita coincidência. Por isso, tem-se como certo que o Morro do Hospital referido por Barbacena é, na realidade, o atual Morro do Depósito, como passou a ser conhecido em

1827, elevação onde hoje está aquartelado o 7º Regimento de Cavalaria Mecanizado, na cidade de Santana do Livramento.

Então, em suma, quem teria ficado no depósito de Santana, não acompanhando a desesperada marcha para leste?

Valemo-nos novamente dos escritos de Lima e Silva:

"A guarda do depósito de Santana foi confiada ao tenente-coronel Pedro José da Costa Pacheco, ficando com ele um oficial de cada corpo, os doentes, uma companhia de estropiados alemães, que se tinha engajado em Porto Alegre, algumas praças de pardos milicianos de infantaria da mesma cidade, sob o comando do capitão da antiga Legião de São Paulo José Luiz de Andrade, que para nada serviram, por inválidos".

Que colosso de tropa! Tasso Fragoso, com base nos relatórios da época, dá-nos números exatos: ficaram em Santana 278 doentes e 232 soldados de guarda, nesses então incluídos os nossos alemães da Companhia de Voluntários.

Tal destacamento comportou-se exatamente como era de se esperar. Menos de uma semana depois, ante a aproximação das flancoguardas de Lavalleja, a própria guarda do depósito deitou-lhe fogo e fugiu para São Gabriel, deixando os doentes entregues à piedade dos orientais. "O inimigo entrou em Santana e carregou o que o fogo não tinha acabado de devorar", lastima-se Lima e Silva.

Encerrou-se dessa forma a triste participação da Companhia de Voluntários Alemães na Campanha Cisplatina. Não mais dela se ouviria falar, como um todo. Seus integrantes seriam devolvidos a São Leopoldo, de forma desonrosa, na primeira oportunidade que se apresentou. Voltemos a Barbacena e Alvear.

Não custa repetir: se Alvear conseguisse interpor-se entre Barbacena e Brown, os imperiais estariam liquidados. O andamento da marcha dos platinos e brasileiros pode ser acompanhado, no tempo e no espaço, pelos esboços dos quadros 1 e 2.

A 15 de janeiro de 1827, em plena marcha e cada vez mais assustado com as informações que lhe chegavam sobre a movimentação do inimigo, Barbacena expediu ordens para que Bento Gonçalves saísse logo do Serrito (Jaguarão) e buscasse contato com o grosso do Exército.

Idêntica determinação foi expedida para o Marechal Brown, três dias depois. Ora, Brown encontrava-se em São Francisco de Paula (Pelotas), à frente dos reforços chegados do Rio de Janeiro (27º BC e Esquadrão de Lanceiros) e de Montevidéu (4º RC, 5º RC, 6º RC e 18º BC). Ao todo, 1.600 homens.

Disciplinadamente, embora descontente — seus planos eram os de invadir logo a Cisplatina, com as tropas que dispunha — Brown tomou urgentes providências para cumprir a ordem recebida. Muito cuidadoso, não ousou marchar com o flanco sul descoberto; como vimos acima, a Brigada de Bento Gonçalves não mais vigiava a fronteira do Jaguarão, já estando em pleno deslocamento, atendendo ao chamado de Barbacena.

Porisso, Brown despachou para o Serrito, via fluvial, o Esquadrão de Lanceiros e o 27º BC; o resto de suas forças seguiu por terra, na direção do rio Jaguarão-Chico, um afluente da margem direita do rio Jaguarão.

Os alemães (27º BC e Lanceiros), mal desembarcados no Serrito, marcharam rio Jaguarão acima, até alcançarem o grosso das tropas de Brown, no Jaguarão-Chico.

Seidler registrou o frenesi desse deslocamento:

"Começou uma verdadeira marcha forçada, pois marchávamos noite e dia... Desapareceu todo o bom trato que até então tivéramos. As rações, que até aí compreendiam carne, pão, feijão, arroz, aguardente e sal, foram reduzidas só a carne e água... nem ao menos sal forneciam.

Do Jaguarão-Chico, toda a Divisão de Brown tomou o rumo norte, em direção ao ponto de reunião escolhido por Barbacena: o arroio Lexiguana, um afluente do rio Camaquã. Lá chegariam a 5 de fevereiro de 1827.

Alvear ocupou Bagé no dia 26 de janeiro de 1827, enquanto Barbacena esfalfava-se para transpor a Coxilha Grande, que é o divisor de águas das bacias dos rios Santa Maria e Camaquã. Tivesse Alvear avançado mais um pouquinho e impediria o prosseguimento da marcha de Barbacena; estaria decidida a guerra. Mas Deus é brasileiro. Sobrevieram cinco dias de chuvas torrenciais.

Os platinos, exaustos, não tiveram coragem para sair do aconchego bageense; mas os brasileiros, molhados até os ossos, prosseguiram na penosa marcha para leste. Valor e obstinação não faltaram.

No dia 2 de fevereiro os imperiais acamparam no arroio das Palmas, um afluente do Camaquã, em total segurança. No dia seguinte, avançaram até o arroio Lexiguana onde, a 5 de fevereiro, chegou a Divisão do Marechal Brown.

Dessa forma, Alvear fracassava no seu primeiro, e aparentemente único, objetivo da campanha: impedir a junção das forças brasileiras. Esse mérito ninguém pode negar a Barbacena.

Os imperiais permaneceram no acampamento do Lexiguana até 9 de fevereiro, recuperando calma, fôlego e forças. Foi nesse período que ocorreu a desastrada experiência com os foguetes à Congrève, na qual morreu o Tenente Siegener.

Todavia, a nova situação surpreendeu os dois generais-em-chefe. Nenhum dos dois sabia o que fazer, a partir de então.

Alvear optou por continuar a marcha para o norte, varando a província gaúcha, sem bem saber para quê; Barbacena, com o moral elevado pelos últimos feitos e substancial aumento de efetivo, avaliou, erradamente, que os platinos fugiam. Saiu-lhes no encalço.

No dia 10 de fevereiro, acampou na primitiva posição do arroio Palmas.

A 12 de fevereiro, quando Alvear já ocupava São Gabriel, Barbacena tomou definitivamente a direção norte. Entrou em São Gabriel a 17 de fevereiro, quando Alvear andava pelas pontas do rio Cacequi. A partir daí, os acontecimentos se precipitaram.

Alvear infltiu diretamente para o Passo do Rosário, no rio Santa Maria, com evidentes intenções de atravessá-lo. Ali chegou a 19 de fevereiro, ao meio-dia.

Barbacena, eufórico, marchava rápido sobre o mesmo ponto, convencido de que se abateria sobre a rabada de um inimigo em plena debandada. Ledo engano!

Tenho que abusar da paciência de meu eventual leitor, se pacato civil, com algumas informações de natureza técnico-militar, mas que são imprescindíveis à perfeita compreensão da batalha e do papel que nela desempenharam os mercenários alemães do 27° BC e do Esquadrão de Lanceiros.

Os platinos invadiram o Rio Grande sob o comando do Brigadeiro Don Carlos Maria de Alvear, que tinha como Chefe de seu Estado-Maior o Coronel Lucio Mansilla.

A tropa organizava-se em três Corpos:

1° Corpo: Comandado pelo Brigadeiro Juan Antonio Lavalleja;

- DC/Coronel Julian Laguna — 700 homens;

- DC/Coronel Manuel Oribe — 800 homens;

- DC/Coronel Servando Gómez — 650 homens;

2° Corpo: Diretamente subordinado ao Comando-em-Chefe

- DC/Coronel Federico Brandsen — 900 homens;

- DC/Coronel Juan Lavalle — 800 homens;

- DC/Coronel Juan Zufriátegui — 1.000 homens;

3° Corpo: Comandado pelo Brigadeiro Miguel Estanislau Soler;

- DC/Coronel José Maria Paz — 700 homens;

- DI/Coronel Félix Olazábal - 1.900 homens; e

- Artilharia — Coronel Tomaz Iriarte (500 homens e 16 peças).

Ao sair do arroio Lexiguana, na rabeira dos platinos, o Exército Imperial estava organizado em duas fortes Divisões de Infantaria, apoiadas por três corpos independentes de Cavalaria, conforme abaixo:

- Comandante Geral: Tenente-General Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Horta, Marquês de Barbacena;

- Chefe do Estado-Maior: Marechal-de-Campo Gustavo Henrique Brown;

- 1ª DI: comandada pelo Brigadeiro Sebastião Barreto Pereira Pinto;

- 1ª Bda Inf: comandada pelo Coronel Leitão Bandeira — 1.600 homens; e

- 3° BC, 4° BC e 27° BC (alemães).

- 1ª Bda Cav: comandada pelo Coronel João Egydio Calmon — 600 homens

- 1° RC;

- 24° RC (2ª Linha)

- 2ª Bda Cav: comandada pelo Cel Miguel Pereira de Araújo Barreto - 500 homens;

- 4° RC, 40° RC (2ª Linha) e o Esquadrão de Lanceiros (alemães);

- 2ª DI: comandada pelo Brigadeiro João Crisóstomo Calado — 2.150 homens; 2ª Bda Inf (13° BC e 18° BC); 3ª Bda Cav e 4ª Bda Cav;

- Artilharia: Coronel Tomé Joaquim Fernandes Madeira (300 homens — 12 peças);

- 1ª Bda Cav Ligeira: Coronel Manuel Ribeiro (1.300 homens);

- 2ª Bda Cav Ligeira: Coronel Bento Gonçalves da Silva (700 homens);

- Corpo de Voluntários: Marechal de Campo José de Abreu, Barão de Cerro Largo (560 homens)

- Parque de bagagens: Coronel Jerônimo Gomes Jardim (550 índios "lanceiros" guaranis);

As Brigadas de Cavalaria Ligeira cumpriam missões de reconhecimento e vigilância da frente e flancos, daí não estarem subordinadas às Divisões; aliás, no dia 19, os platinos haviam enxotado a 1ª Bda Cav Ligeira (Bento Manuel) para além do rio Ibicuí, razão pela qual ela não participou da grande batalha do dia 20 de fevereiro. Grande batalha que surpreendeu os dois lados. O que se chama, na linguagem militar, "combate de encontro".

Ao anoitecer do dia 19, finalmente, Alvear deu-se conta de que Barbacena estava com tudo para cima dele. Apavorado com a ideia de ser surpreendido no fundo de um vale e com um rio-obstáculo às costas, determinou que a única tropa então disponível — o Corpo de Lavalleja — contramarchasse imediatamente sobre São Gabriel, a fim de barrar os imperiais a qualquer custo; o resto do exército, à maneira que fosse se aprontando, seria despachado na mesma direção.

Do lado platino, pois, uma correria desgraçada. Enquanto isso, o Exército Imperial progredia com velocidade, quase à cavaleiro da estrada São Gabriel-Passo do Rosário, encolunado (em coluna) na seguinte ordem: 2ª Divisão, Artilharia, Divisão e Parque.

O tiroteio entre as vanguardas começou pelas duas da madrugada. Três horas depois, ao clarear do dia, o grosso das tropas platinas e brasileiras se avistavam; entre elas, o vale da sanga do Barro Negro, afluente do Ituzaingó, ou Ituzaingô, ou (ainda) Imbaé.

Tem lógica, pois, o fato de os argentinos e uruguaios haverem batizado o combate que se seguiu como Batalha de Ituzaingó. Afinal, o Passo do Rosário, como o chamamos, ficava a cerca de oito quilômetros do local da luta.

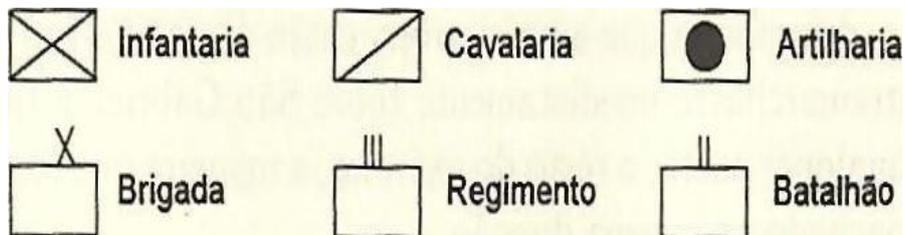
Bem, tão logo Barbacena observou o inimigo encarapitado na elevação, barrando-lhe o caminho, decidiu atacá-lo. Para tanto, mandou que a 1ª Divisão (Barreto) tomasse dispositivo de ataque ao norte da estrada, a fim de carregar sobre o que parecia ser o forte da posição inimiga. A 2ª Divisão se desdobraria ao sul da estrada, por onde atacaria o flanco direito dos platinos. As guerrilhas do General Abreu já haviam cruzado a sanga, pelo sul, e por ali se mantinham como vanguarda. A Brigada de Bento Gonçalves foi mandada cobrir o flanco norte de todo o dispositivo imperial.

Quanto à artilharia, os canhões foram espalhados pelas diversas brigadas. Claro que todas essas determinações foram cumpridas às tropelias. Também às tropelias, chegavam cada vez mais tropas platinas à elevação que, breve, seria o objetivo do assalto brasileiro.

Para esse assalto, a 1ª Divisão, que a essas alturas já era comandada pessoalmente pelo Marechal Brown, colocou a Bda Inf (Coronel Leitão Bandeira) ao centro, coberta ao norte pela 1ª Bda Cav (Coronel Calmon) e ao sul pela 2ª Bda Cav (Coronel Miguel Pereira) onde, lembremo-nos, estava o Esquadrão de Lanceiros Alemães.

Por sua vez, o Coronel Leitão Bandeira colocou em linha os três batalhões da sua 1ª Bda Inf, na seguinte ordem, de norte para o sul: 3º BC, 4º BC e 27º BC.

No esquema gráfico, usamos as convenções e símbolos regulamentares da Doutrina Militar Brasileira:



A numeração da Unidade é colocada à direita (do quadradinho).

Temos assim, perfeitamente localizadas, as posições dos nossos alemães no campo de batalha. Que começou "à la diable". A 1ª Divisão; mal desdobrada, lançou-se logo ao ataque, sem qualquer coordenação com o resto do exército. Seweloh registrou isso:

"A 1ª Divisão lançou-se fogosamente antes da Divisão estar desenvolvida; às 7 horas estávamos em pleno fogo e morticínio".

E, deve ser acrescido, sob um sol de rachar!

Seidler, um humilde tenente do 27º BC, certamente não tinha acesso às informações, concepções e intenções que determinaram a execução dessas complicadas manobras.

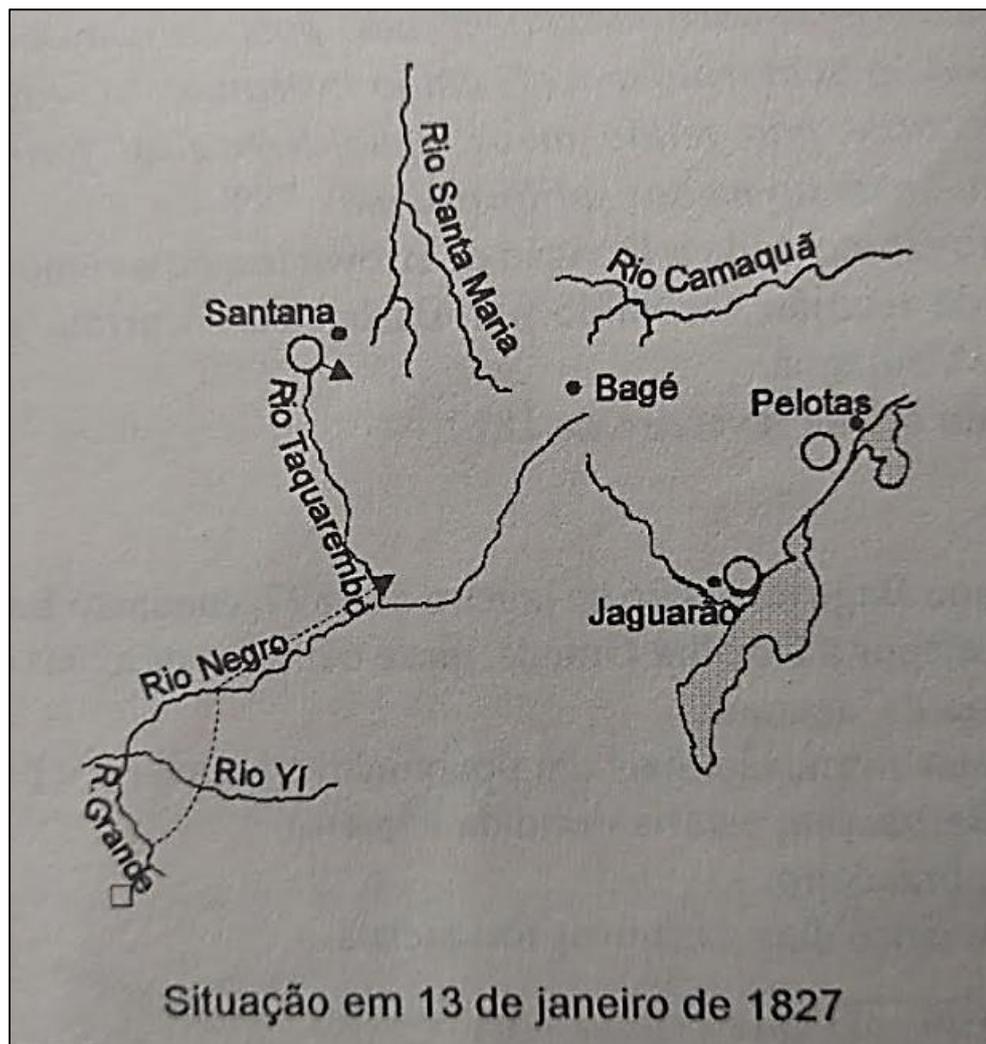
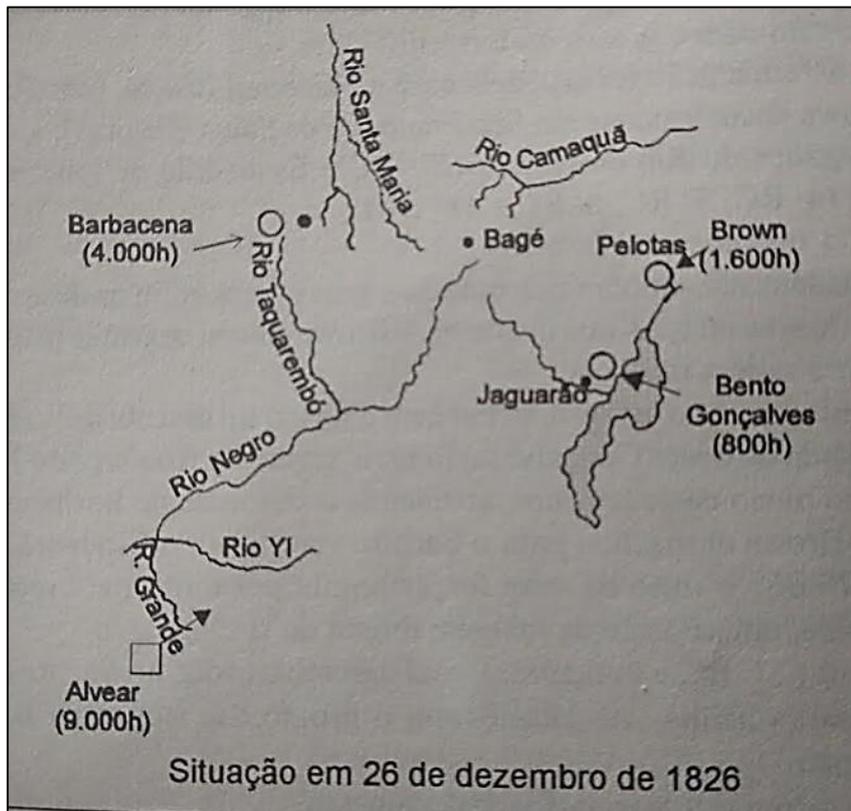
Seu relato, portanto, é rasteiro:

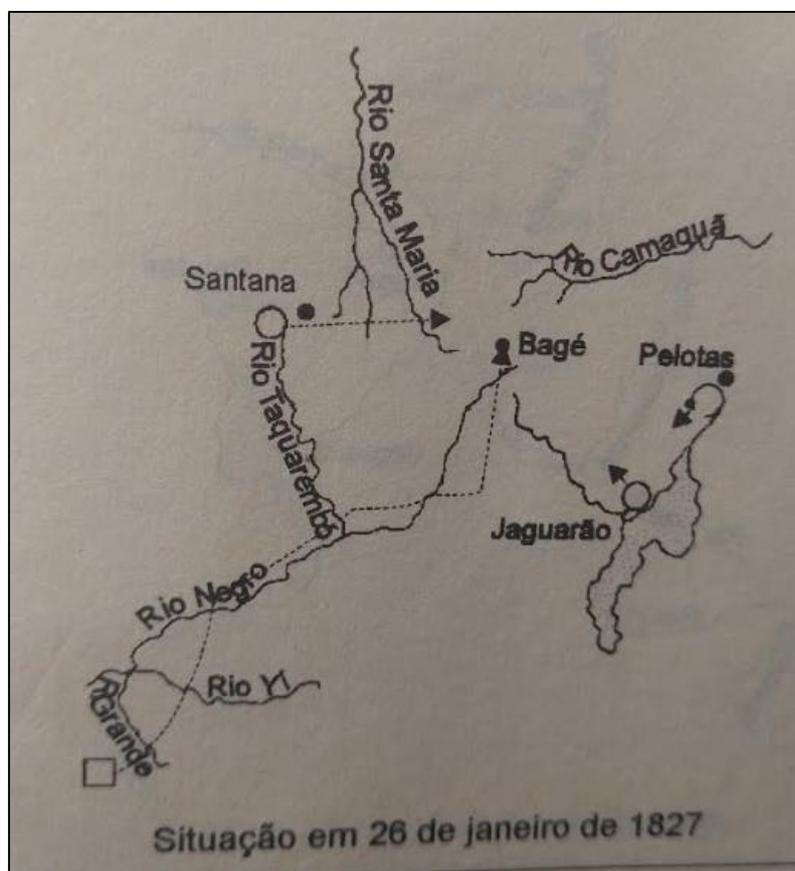
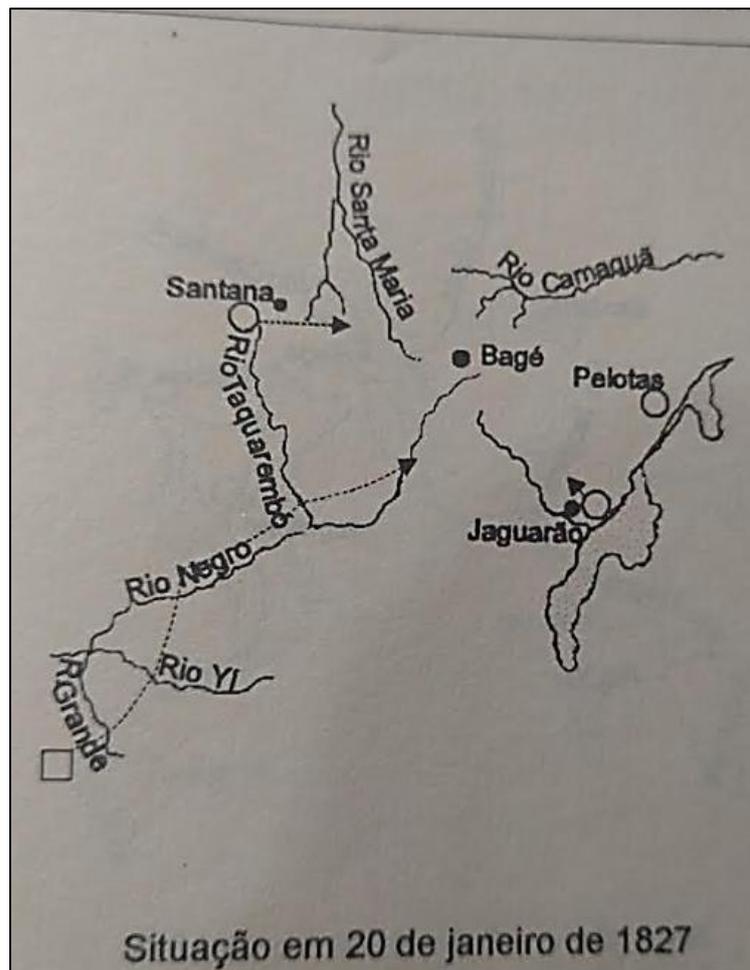
"A 20 de fevereiro de 1827, às seis horas da manhã, topamos no Passo do Rosário com alguns destacamentos de cavalaria inimiga, que nos receberam com violenta fuzilaria; logo o nosso Batalhão recebeu ordem de lançar para a frente duas companhias em atiradores, ao passo que as outras quatro companhias deviam prosseguir a marcha em "ordem unida" (sic) (coluna cerrada). A noite havia sido escura e fria; só às sete horas se dissipou pouco a pouco a cerração; o sol fulgurava no céu e avistamos o exército inimigo em ordem de batalha numa elevação próxima. Contudo, o que aí vimos era apenas cerca da metade da massa total inimiga; a outra parte, maior, estava arditosamente oculta atrás da elevação".

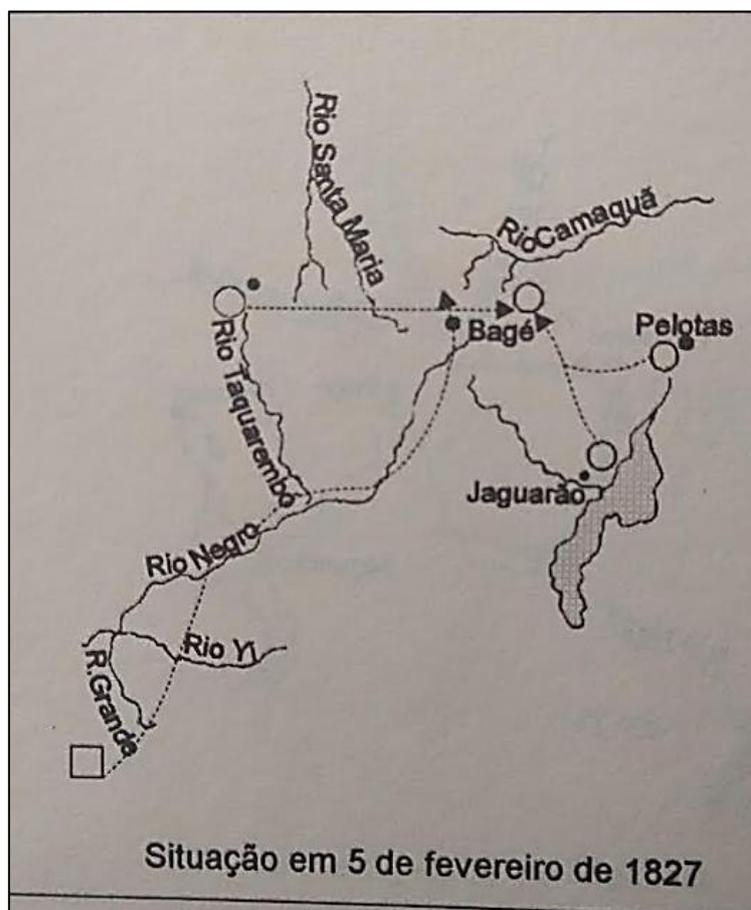
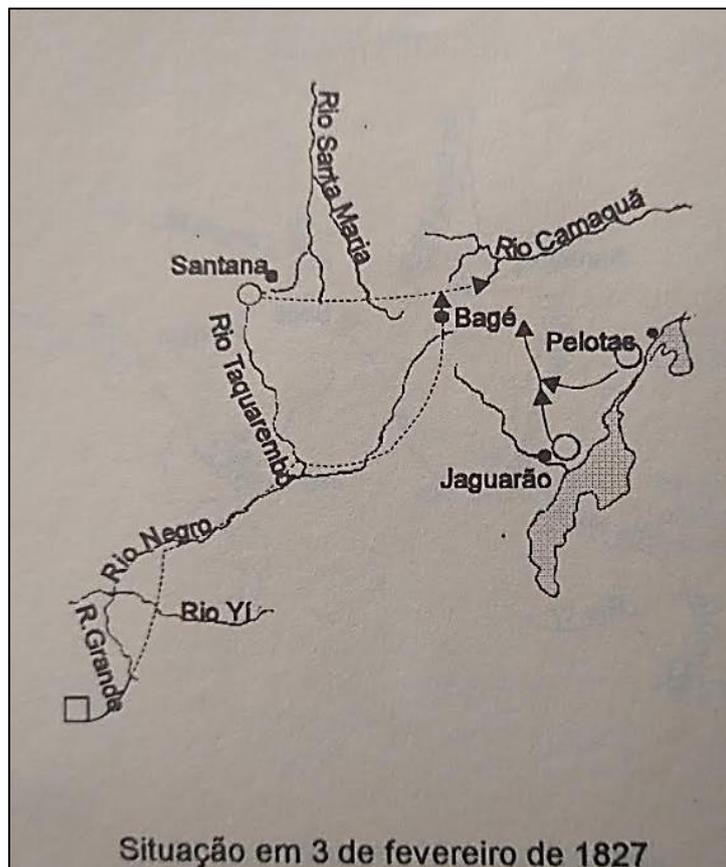
Do seu modesto ponto-de-vista, Seidler pensou que Alvear nos havia preparado uma arapuca. O fato é que a 1ª Bda Inf transpôs a sanga e começou a progredir morro acima, diretamente sobre as posições ocupadas pela recém-chegada DI/Olazábal.

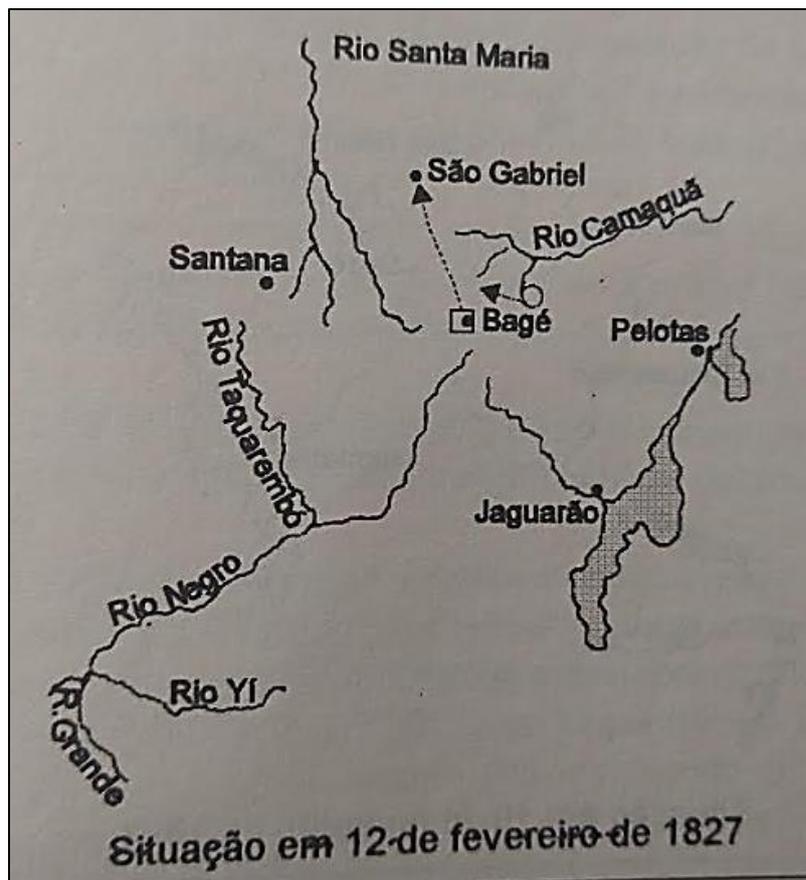
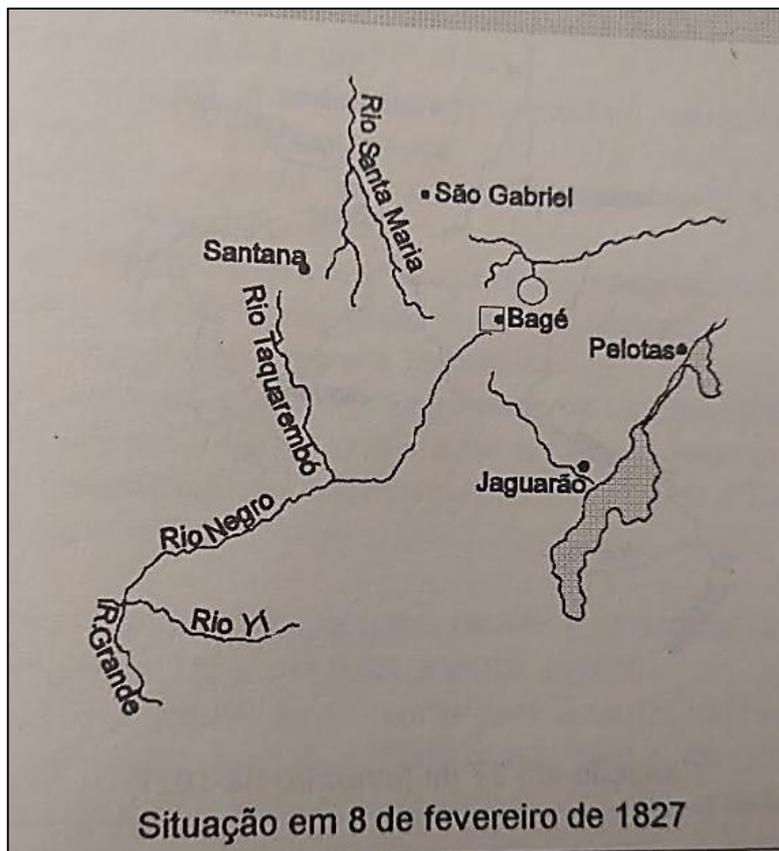
O 27º BC, estranha curiosidade, atracou-se com o Batallón 5º de Cazadores, unidade comandada pelo Coronel Antonio Diáz e constituída, predominantemente, por negros libertos. Foi uma briga feia, essa entre alemães mercenários imperiais e negros ex-escravos platinos.

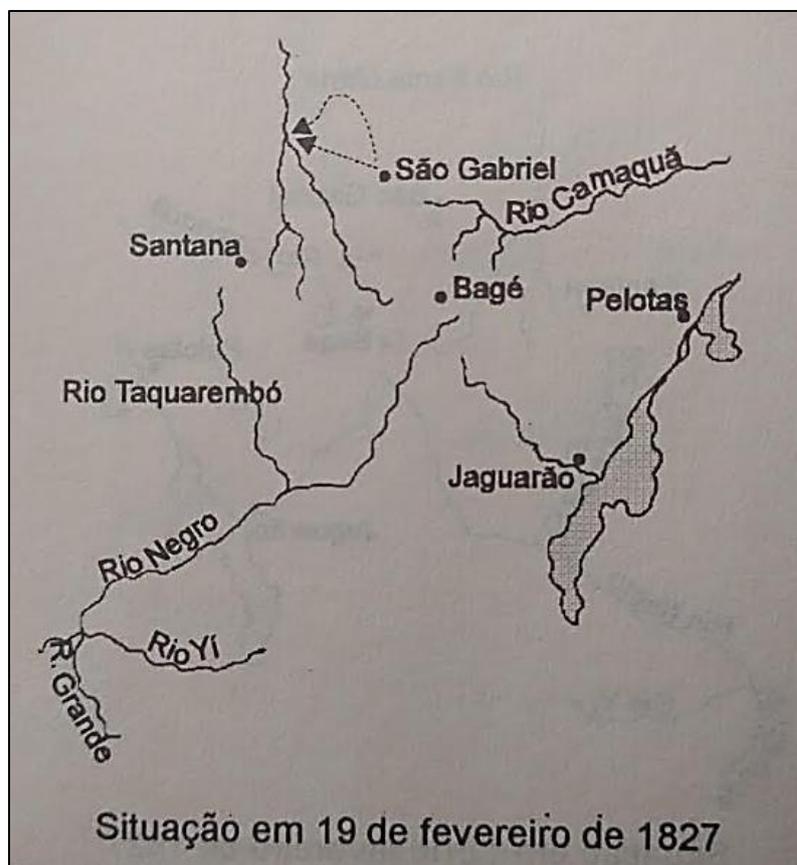
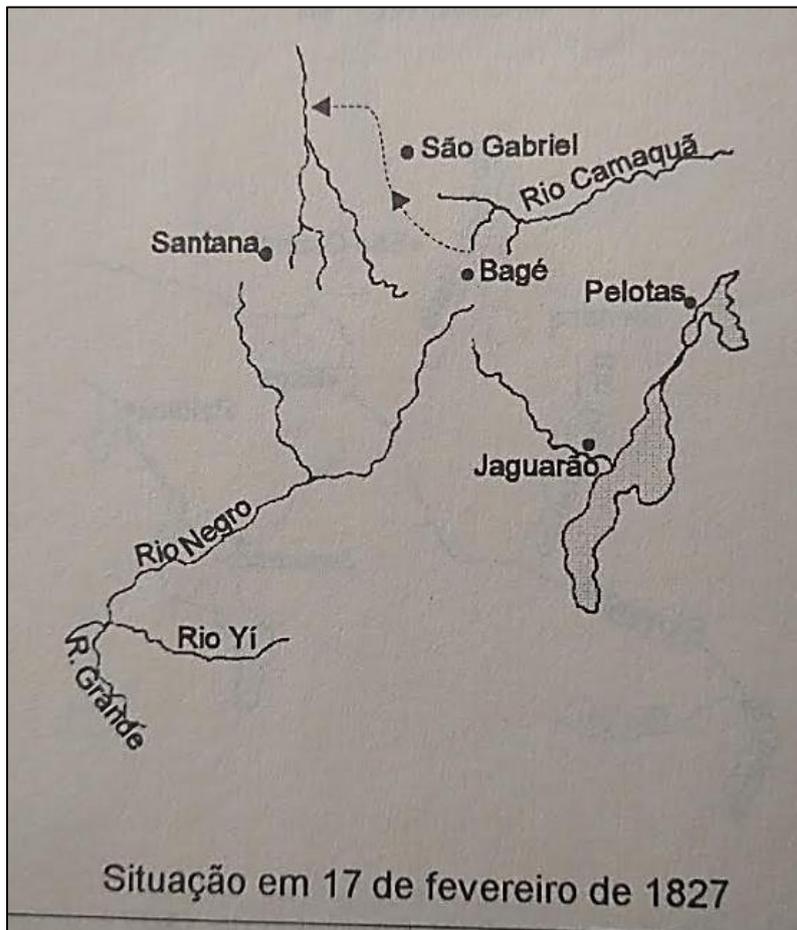
(Nas páginas seguintes os quadros e imagens dos esquemas de manobra)

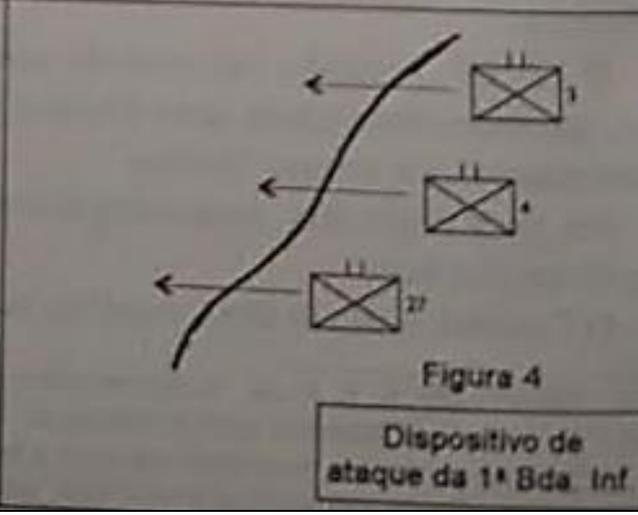
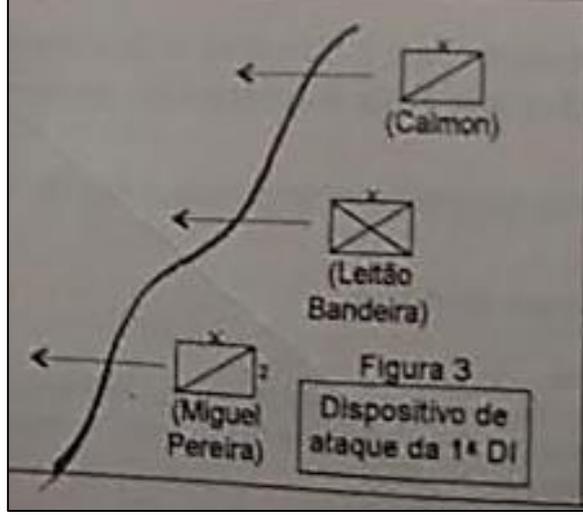
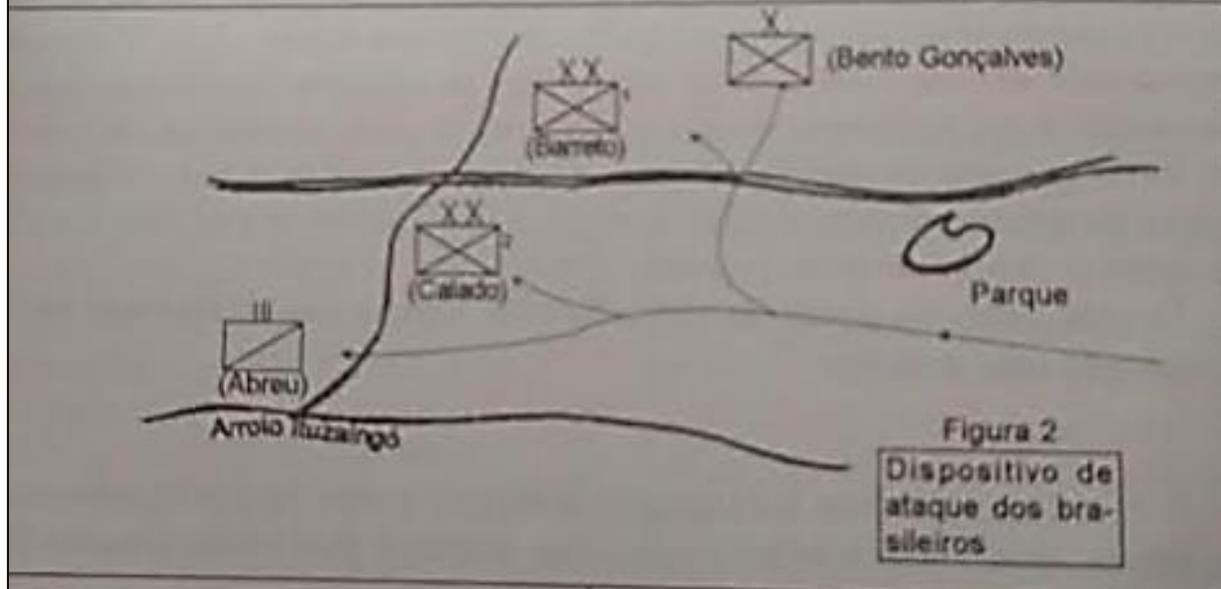
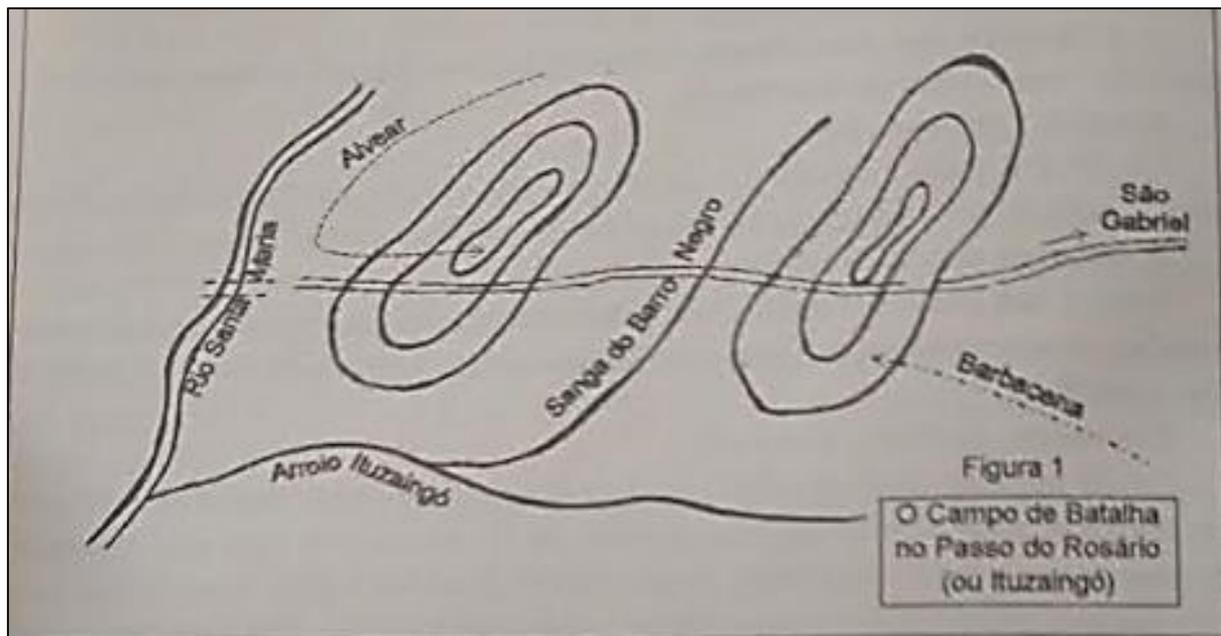












# QUADRO 16

← 3º BC

← 4º BC

← 27º BC

A 1ª Bda. inf. atacou em linha de batalhões...

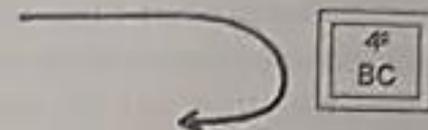
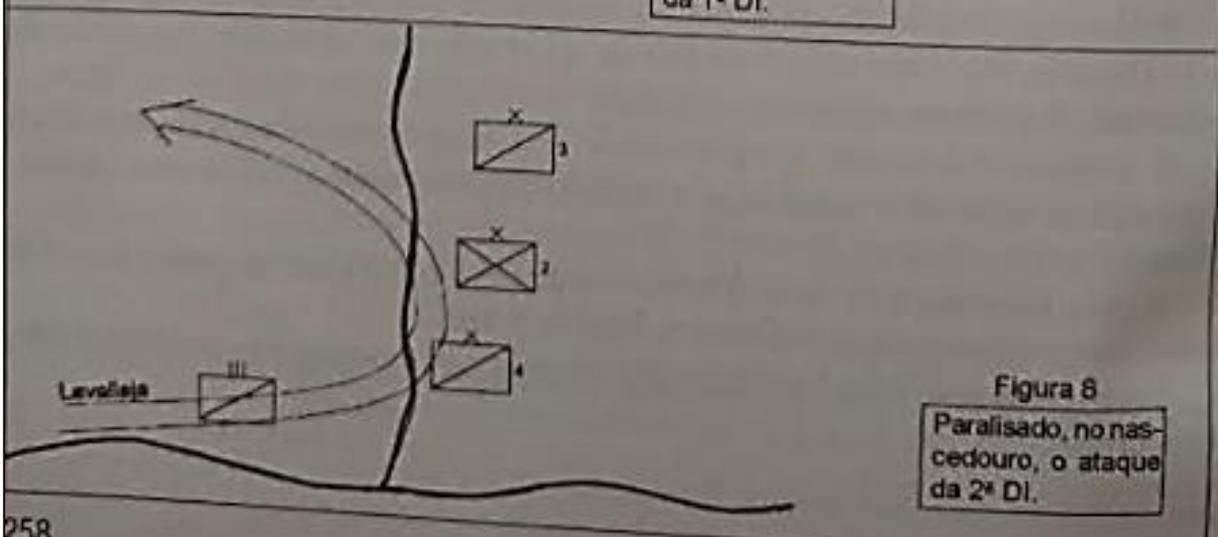
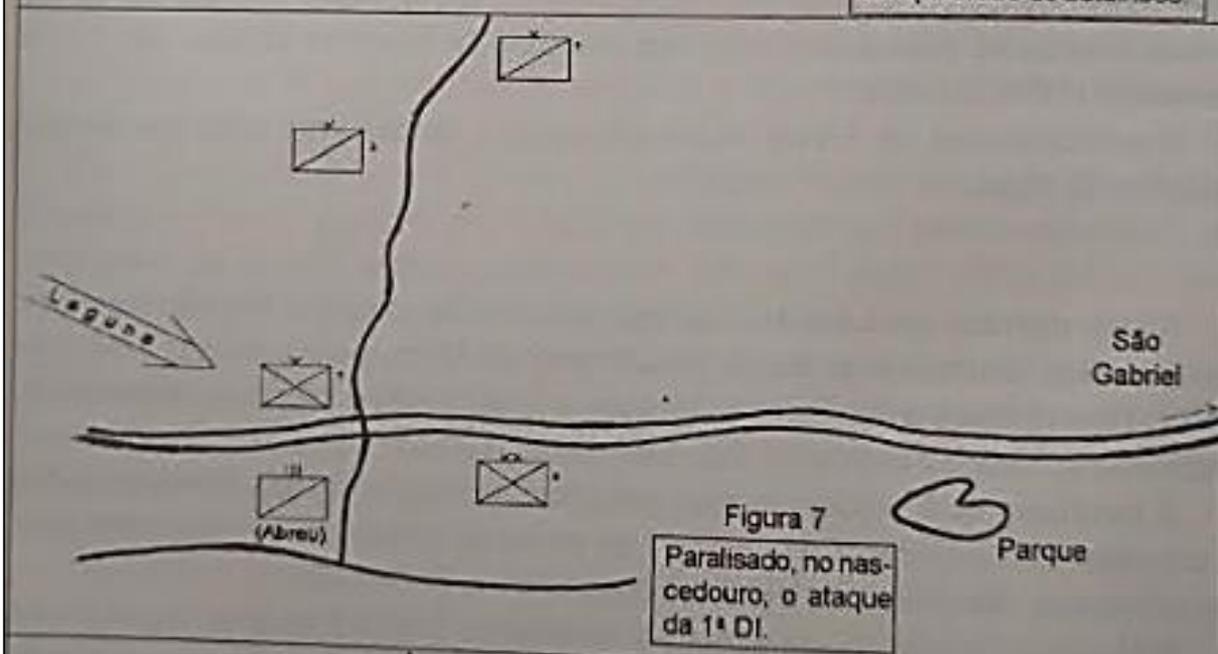


Figura 6

...mas defendeu-se das cargas de cavalaria inimiga em quadrado de batalhões.



# QUADRO 17

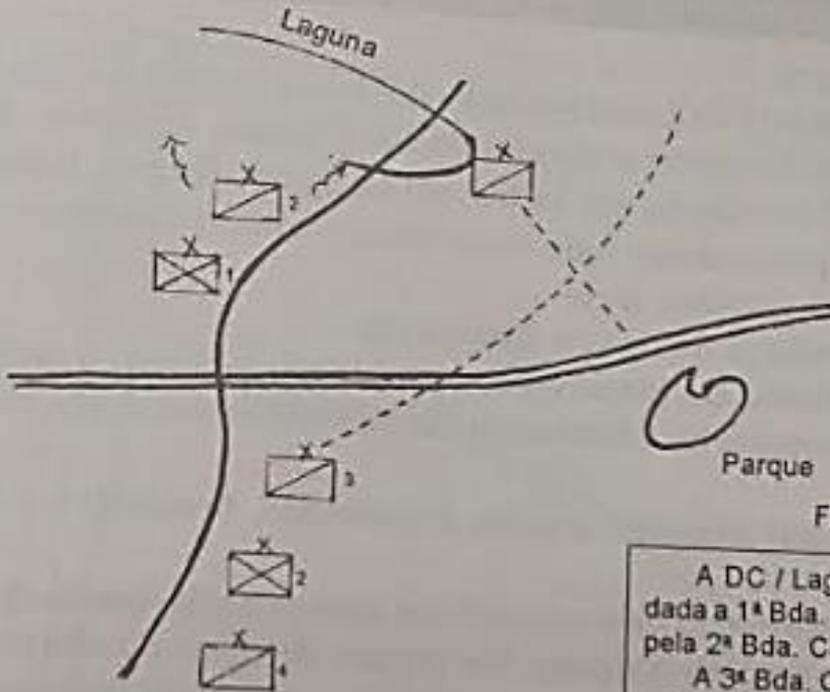


Figura 9

A DC / Laguna põe em debandada a 1ª Bda. Cav., mas é repelida pela 2ª Bda. Cav.  
A 3ª Bda. Cav. desloca-se para o Norte.  
A 1ª Bda. Inf. recua para atrás da Sanga.

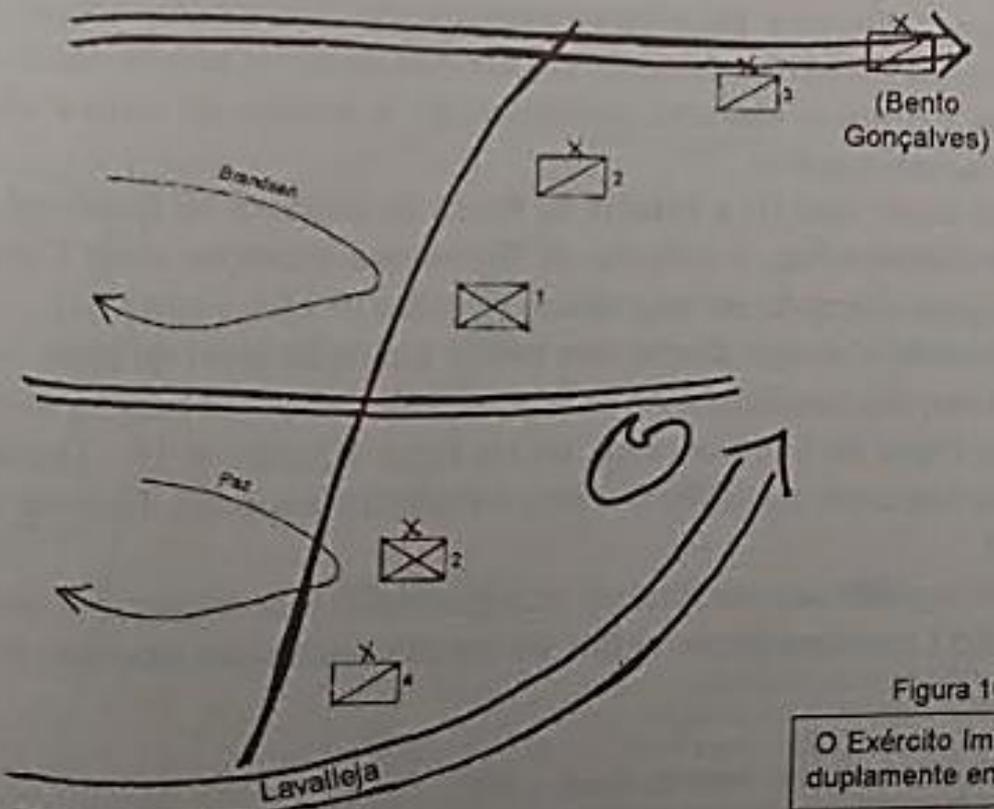
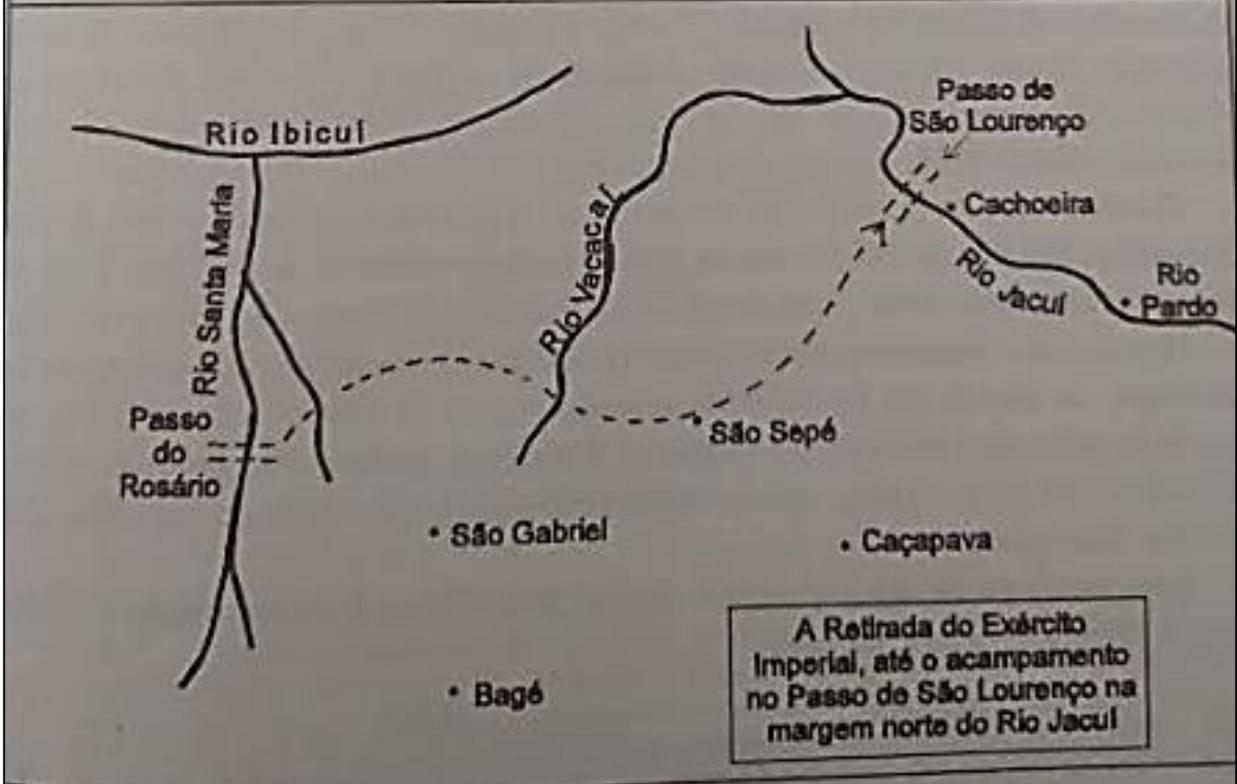
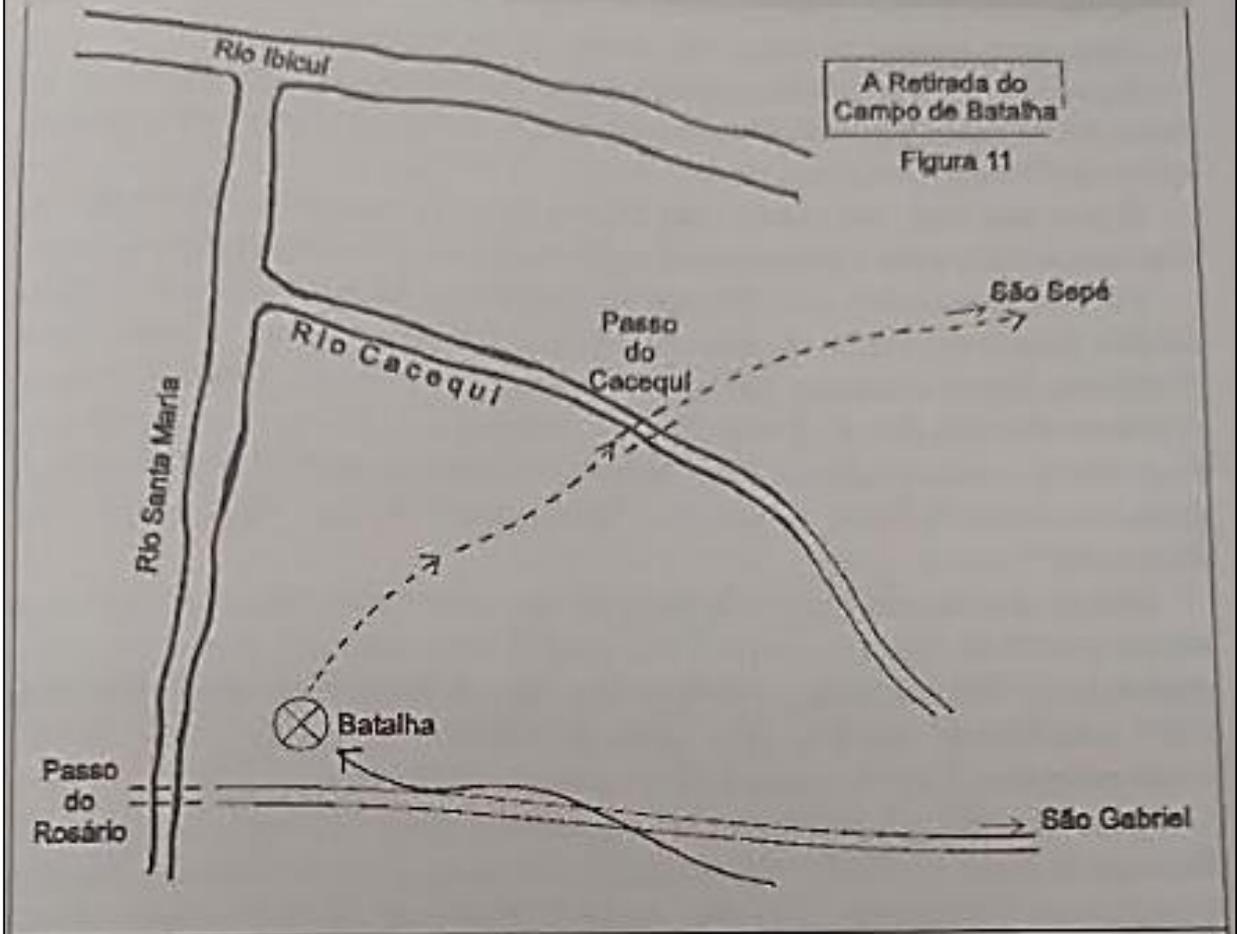


Figura 10

O Exército Imperial é duplamente envolvido.

# QUADRO 18



O Coronel Antonio Díaz escreveu em seu relatório:

"Ao mesmo tempo morreram um capitão e diversos soldados volteadores do 5º, ficando outros feridos pelos fogos do batalhão 27º do inimigo..."

Junto com esse sucesso inicial, surgiram os problemas. A 1ª Bda Cav não transpôs a sanga, sob o argumento de que devia fornecer proteção às duas peças de artilharia que apoiavam a 1ª Divisão.

Assim, o flanco norte da Divisão (e da 1ª Bda Inf) ficou perigosamente exposto, durante o assalto.

Além disso, a bem ajustada artilharia inimiga (que ficara acertadamente concentrada, ao contrário da nossa, que fora diluída) começou a produzir terríveis estragos nas cerradas formações da infantaria imperial, principalmente no 4º BC, que avançava no centro do dispositivo. Essa Unidade acabou a luta sob o comando do sexto oficial na linha de sucessão hierárquica, pois os anteriores foram mortos (três) ou gravemente feridos (dois).

Mas Alvear, que do alto da elevação observava o avanço da infantaria imperial, mesmo agora ciente da sua potencial superioridade tática e numérica, não gostou do que viu. Aquele avanço tinha que ser detido, de qualquer maneira.

Mandou então que Lavalleja destacasse uma das suas cavalaria para bater o flanco direito — que estava descoberto, por ausência da 1ª Bda Cav — do ataque brasileiro, a fim de aliviar o assédio à DI/Olazábal. A escolhida foi a Brigada do Coronel Julian Laguna.

O movimento de Laguna para o norte foi observado pelo Marechal Brown, que de imediato para lá destacou a 2ª Bda Cav.

A carga de Laguna foi bem aparada pela nossa 2ª Bda Cav, que a rechaçou. Nesse embate, o Esquadrão de Lanceiros portou-se maravilhosamente bem, muito melhor até do que seria de se esperar.

Mas não é à toa que a garra uruguaia é famosa. Laguna reorganizou seus cavalarianos e carregou novamente!

O então Capitão Lima e Silva nos deixou uma vibrante descrição desses momentos:

"A 1ª Brigada, em linha e com baionetas armadas e bandeiras desenroladas, avançou para uma bateria colocada em frente do inimigo, seguindo-lhe os flancos e mais um pouco à retaguarda as brigadas de cavalaria, tudo isso debaixo do mais vivo fogo de artilharia. Apenas se aproximava esta divisão do dito vale e era detida por imensas forças do inimigo, que em colunas desciam a carregar por todos os modos. A 1ª Brigada de Infantaria foi quase surpreendida em linha no meio desse vale e não houve mais tempo que, da ordem de linha, passar a quadrado de batalhões a marche-marche. Esta manobra foi executada sem perigo, devido à perícia dos comandantes".

Vamos tentar traduzir isto para os leigos.

Pela doutrina da época, a infantaria atacava em "linha" (ou "coluna cerrada", como vimos antes), uma formação tipo "pente fino", que ia varrendo à baioneta tudo o que encontrava pela frente. Por não ter profundidade, porém, tal dispositivo era extremamente vulnerável

às cargas de cavalaria inimiga, que rompiam a tênue linha de soldados em marcha, causando confusão e debandada.

A defesa dos infantés - única defesa - contra as avassaladoras cargas de cavalaria, era a formação "em quadrado", como diz o nome, a tropa formava um compacto tijolo de homens, mantendo a coesão e defendendo-se por todos os Lados e direções.

Então, o tiro dos soldados era a comando e a curta distância.

Imagine-se o estrago causado por quinhentos fuzis atirando a um só momento. Bastava uma descarga para neutralizar o assalto cavalariano. As baionetas, longas e afiadas, mantidas na posição horizontal após o tiro, constituíam mais um mortal obstáculo para o atacante e formidável muralha defensiva para os soldados a pé.

No caso em pauta, e corretamente, a 1ª Bda Inf estava atacando "em linha" mas teve que rapidamente (marche-marche, na linguagem da época) adotar a formação "em quadrado", ante o ataque do Coronel Laguna.

Bem, essa segunda carga do Coronel Laguna conseguiu estacar o avanço da 1ª Divisão brasileira, ainda que ao custo de pesadas baixas para os uruguaios. Entre elas, o valente Coronel Leonardo Oliveira. A artilharia platina continuava massacrando.

Lastima-se Lima e Silva:

"Quando a cavalaria se retirava para sua posição, na base da coxilha, a artilharia inimiga jogava-se violentamente sobre nossos quadrados e lhes fazia muitos estragos".

Com a maior das dificuldades, o Marechal Brown conseguiu pôr em movimento, de novo, os nossos batalhões. De novo — haja valor — a brigada Laguna carregou, de forma suicida. Pagou um preço caríssimo — o terreno ficou juncado de cadáveres orientais — mas o avanço da 1ª Divisão imperial foi definitivamente paralisado. Esse fato foi decisivo.

Tenho para mim que a vitória platina deveu-se, primordialmente, ao heróico e obstinado desempenho da Brigada uruguaia do Coronel Julian Laguna.

Chega a ser simplória a maneira como o arrogante Tenente Seidler descreve toda essa epopeia:

"a cavalaria inimiga, depois de três tentativas inúteis contra o quadrado do 27º Batalhão de Caçadores, não mais ousou nos atacar. Um batalhão de infantaria que contra nós avançou, também se recolheu amedrontado depois de uma única vez lhe termos feito uma descarga; só a artilharia nos causava dano".

Estavam as coisas nesse pé, quando chega ao campo de batalha o 2º Corpo do Exército platino, inteirinho, logo seguido pela DC/Coronel José Maria Paz. A DC/Paz imediatamente começou a hostilizar a 1ª Bda Inf.

Barbacena caiu na realidade.

Não estava frente à retaguarda de um inimigo em fuga — suas informações eram de que o grosso das tropas de Alvear haviam atravessado o rio Santa Maria há dois dias — mas sim ante todo o Exército platino que havia invadido o Rio Grande.

O contra-ataque de Alvear veio logo, como a devastadora onda que destrói castelos de areia. Alvear mandou que Lavalleja carregasse com tudo sobre a 2ª Divisão brasileira que, a

essas alturas, já se havia desdobrado em linha, para começar o seu assalto. Doutrinariamente, Calado colocara a 2ª Bda Inf no centro do dispositivo, cobrindo os flancos com as 3ª Bda Cav (ao norte) e 4ª Bda Cav (ao sul).

A cavalaria de Lavalleja passou por cima, literalmente, dos desorganizados "voluntários" do General Abreu que, em clima de debandada e misturados com os atacantes, retraíram em louca correria sobre a 2ª Divisão.

O General Calado, que pouco antes mandara a 3ª Bda Cav fazer ligação com a 1ª Divisão, mal teve tempo de formar quadrado com seus dois batalhões de infantaria e esperou, agoniado, o choque.

A avalanche montada atropelou a 4ª Bda Cav, mas sofreu uma mortífera descarga da infantaria imperial, comandada pessoalmente pelo General Calado.

O chão ficou sulcado de cadáveres — cavalos e homens, uruguaios e brasileiros — dentre estes o próprio General José de Abreu. Foi preciso uma bala brasileira para acabar com o velho e legendário Barão do Cerro Largo. Mas essa carga da cavalaria platina, a maior de toda a batalha, fora convenientemente aparada.

Uma nova carga, já sem o ímpeto da primeira, foi repelida pela 4ª Bda Cav; e ainda uma outra, conduzida pela DC/Zufriátegui, foi igualmente repelida pelo agora muito temido quadrado da 2ª Bda Inf. Uma epopeia difícil de traduzir em palavras.

A 2ª Divisão havia conseguido sobreviver à avassaladora cavalaria oriental; em compensação, estava definitivamente plantada no terreno, e o flanco sul do Exército Imperial ficara sem cobertura. O ataque de Barbacena estava empacado. A iniciativa passara, toda ela, para Alvear. Os valentes decidem as batalhas.

Remanescentes da heroica e destroçada DC/Laguna, por sua própria conta e risco, carregaram sobre a nossa 1ª Bda Cav (Coronel Calmon) que, como vimos, alegando proteger a artilharia da Divisão (dois canhões!), não havia transposto a sanga.

Para nosso azar, o forte dessa carga recaiu sobre o 24º RC de 2ª Linha, constituído por índios missioneiros. A indiada retraiu em desordem; ao atingir o Parque, passou a saquear as bagagens, sob o prosaico argumento de que, se não o fizessem, o inimigo o faria.

Instalou-se a baderna na retaguarda imperial. Esse clima de pânico e desordem atingiu as demais unidades da Brigada: o 1º RC e o Esquadrão de Lanceiros, que agora o integrava. Conforme Lima e Silva:

"Estes corpos foram envolvidos e vieram sobre uma sanga larga, na qual o 1º Regimento, composto de gente que não era cavaleira, foi atacado e perdeu aí, quase no fim da batalha, muita gente".

Quanto ao (conforme Machado D'Oliveira):

"...corpo de lanceiros alemães, que até então se sustentara com firmeza, dando provas de sua eficiência nas cargas que eram feitas em regra, achando-se envolvido pela cavalaria inimiga, teve que retroceder; e tal foi o pânico de que se possuiu, que, surdo ao comando dos seus oficiais para que fizesse alto, até o foi aos brados do General em Chefe, que acorrendo ali procurou debalde sustê-lo".

Esses remanescentes da DC/Laguna que definiram a batalha foram, por fim, repelidos pela 2ª Bda Cav; Brown mandou que a 3ª Bda Cav, vinda da 2ª Divisão, substituísse a extinta 1ª Bda Cav, como flancoguarda norte da 1ª Divisão. Também decidiu Brown retrair com a 1ª Bda Inf para trás da sanga, a fim de realinhar-se com Calado.

Mas já então Lavalleja desbordava facilmente pelo desguarnecido flanco sul dos imperiais e caía como um raio sobre o Parque, aumentando a anarquia e baderna que a indiada do 24º RC ali promovia.

Taticamente, Barbacena estava inapelavelmente envolvido pelo flanco sul.

Ao mesmo tempo, a recém-chegada DC/Lavalle desbordou pelo norte da 1ª Divisão e carregou vitoriosa e devastadoramente sobre a Brigada do Coronel Bento Gonçalves, que até então mantivera-se impassível, apreciando o combate.

Nessa carga, Lavalle levou de arrasto também a 3ª Bda Cav; as duas brigadas Imperiais foram expulsas do campo-de-honra, e o Exército brasileiro ficou envolvido também pelo norte.

Seriam mais ou menos duas horas da tarde quando Barbacena decidiu retirar-se da batalha, a fim de salvar o que sobrava do seu exército.

Alvear pressentiu os primeiros movimentos de retirada da infantaria imperial e tentou ainda aferrá-la ao terreno. Para tanto, determinou que a DC/Brandsen fizesse uma estúpida carga frontal, suicida, sobre a 1ª Bda Inf.

Essa carga foi rechaçada de forma fulminante pelos quadrados da infantaria brasileira. Entre as dezenas de cadáveres dos atacantes, contou-se o do valente comandante platino, Coronel Federico de Brandsen, mercenário francês.

Uma outra carga, ordenada agora sobre a 2ª Bda Inf, que foi conduzida pela DC/Paz, culminou igualmente com funesto resultado para os platinos.

O General Calado assim a registrou em sua parte de combate: "O quadrado fez fogo com tanta felicidade que do esquadrão inimigo só ficaram a cavalo 16 a 20 homens, e o 22 debandou todo".

Assim, apesar de tudo, a infantaria manteve a liberdade de movimento e começou, vagarosamente, extenuada sob sol abrasador e incêndios no campo, a retirar com dignidade e valor.

O Tenente Seidler, de seu restrito observatório na frente de combate, não podia captar todos esses lances e acompanhar tão rápida evolução de acontecimentos. Daí que seu relato, que acreditamos verdadeiro e sincero, é também simplista e injusto para com o comando imperial:

“...e depois de algumas horas de luta logramos repelir o inimigo, a ponto de ninguém mais duvidar do feliz êxito da batalha, quando, súbito, por ordem do General Barbacena, soou o toque de retirada. Ninguém podia compreender a causa desta retirada no momento em que a sorte começava a pender para o nosso lado; mas cumpria obedecer à ordem dada”.

A retirada foi épica. Como o envolvimento de Lavalleja, pelo sul, havia cortado o caminho para São Gabriel, o jeito foi tomar a direção do rio Cacequi, ao norte.

Primeira Divisão à frente, 2ª Divisão no rastro, cavalaria nos flancos, infantaria no centro, arrastando penosamente tudo o que encontrava no caminho - feridos, extraviados, cavalos, canhões, gado.

A perseguição inimiga foi curta e desalentada. Partidas de cavalaria dos platinos acompanharam de longe o deslocamento dos brasileiros, sempre fora do alcance das mortíferas descargas da infantaria imperial. Fome, sede e total exaustão a todos dominavam, brasileiros e platinos, homens e animais.

Houve uma ocorrência bem notável: em uma ocasião apareceu em nosso flanco direito, em uma baixada, um regato de água da chuva: muitos soldados de nossa infantaria, desesperados de sede, a ela acorreram, sem que se pudesse contê-los. Esse regato ficava a pequena distância da altura em que marchava a coluna inimiga e esta, impassível, seguia a sua marcha acompanhando-nos, sem se importar com a multidão que dispersa, ia beber água. Ocasião houve em que soldados inimigos fizeram o mesmo que os nossos, sem que com eles nos importássemos também. Isto prova o cansaço em que todos iam. Os míseros cavalos não podiam dar um passo e por isso o inimigo foi obrigado a não seguir-nos de certa altura em diante, em que parou e o nosso exército, continuando, perdeu de vista e ele voltou para seu acampamento”.

Grosso modo, esta foi a batalha do Passo do Rosário, ou Ituzaingó.

Nessa mesma noite, o exército de Barbacena alcançou o rio Cacequi, em cujas margens acampou em segurança. Do Passo do Cacequi, Barbacena tomou a direção geral do leste. Numa marcha contínua, a 27 de fevereiro alcançou São Sepé; e a 2 de março chegou ao Passo do São Lourenço, no rio Jacuí. No dia seguinte, transposto o rio, o Exército Imperial, finalmente, parou a marcha. Foi ali erguido um confortável acampamento e os abnegados soldados de Dom Pedro I puderam gozar, enfim, de um merecidíssimo repouso.

### **A Companhia de Voluntários Alemães (II)**

**A** pós os descansos, a reorganização, pois a guerra continuava. Para tanto, e antes de mais nada, livrar-se dos trastes. Entre esses, um bando de remanescentes da desintegrada Companhia de Voluntários Alemães que, sabe Deus como, havia conseguido chegar até o acampamento do Exército, no Jacuí.

A primeira leva, juntamente com alguns feridos irreparáveis do 27º BC, foi logo despachada para São Leopoldo, sob o rótulo de "incapazes para o serviço". Da relação assinada pelo Brigadeiro Andréa, no Quartel-General no Passo de São Lourenço, em 12 de abril de 1827, constam os nomes:

Asmus, Beck, Berthling, Beyer, Brenning, Dmller, Fromm, Frohns, (hothe, Grassel, Gebeth, Gercken, Hansel, Heyd, Hahn, Helfers, Ingwersen, Kaiser, Locke, Ohlsen, Oldenburg, Romanus, Resse, Rust, Schultz, Schwan, Schmidt, Sand, Schmolling, Schoenemann, Vollmer, Volkmann, Vubhaumen, Wessel, Wickmann, Zeit, Zipperle.

Quinze dias depois, seguiu o restante dos voluntários ainda existentes no acampamento de São Lourenço. Com igual destino, também junto com estropiados do 27º BC e levando

o ofício do Marquês de Barbacena, de 27 de abril de 1827, certificando que lhes dava baixa do Exército Imperial, "...por não lhe terem prestado os serviços que delles esperava...".

Apareciam na relação anexa os seguintes nomes:

Albrecht, Behrens 1º, Behrens 2º, Beck, C. Becker, Cords, Degleis, Dreier, Eicher, Ehrhorn, Fraeger, Friedruhten, Gudowski, Goeske, Helsin, Holfeld, Jenzen, Kunz, Kuhs, Kirchardt, Kondorf, Kormann, Kruhe, Kristen, Lange, Lilienthal, Lemke, Leisten, Meyer, Menz, Mahude, Müller, Necgleix, Ohlmann, Oberstadt, Ruppel, Rosenberg, Roeding, Spring, Strobach, Ulrich, Uflaker, Wessel, Walter, Weber, Will, Wrede, Zimmermann.

Quem se der ao trabalho de comparar a relação dos alemães saídos de São Leopoldo, em fins de 1825, com as duas relações acima, há de concluir quais os integrantes originais da Companhia de Voluntários que retornaram à colônia.

Quanto aos faltosos, ou desertaram, ou extraviaram-se, ou aderiram ao inimigo, ou morreram no infernal acampamento de Santana do Livramento — um é certo que morreu no Imperial Carolina, pobre sexagenário que se suicidou, envergonhado, após haver sido castigado com chibatadas, por razões disciplinares.

Esta, pois, em resumo, a curta e desgraçada vida da Companhia de Voluntários Alemães de São Leopoldo. Integrada por elementos mal-afamados, praticamente expulsos da colônia alemã, que comeram o pão que o diabo amassou, durante nove meses, no acampamento de Santana; que não foram nem merecedores da consideração de acompanhar o Exército, quando este partiu para a campanha; que debandou à aproximação do inimigo; e que, finalmente, foi devolvida, sem agradecimentos, à origem.

Uma triste história, felizmente de curta duração.

## O Esquadrão de Lanceiros Alemães (II)

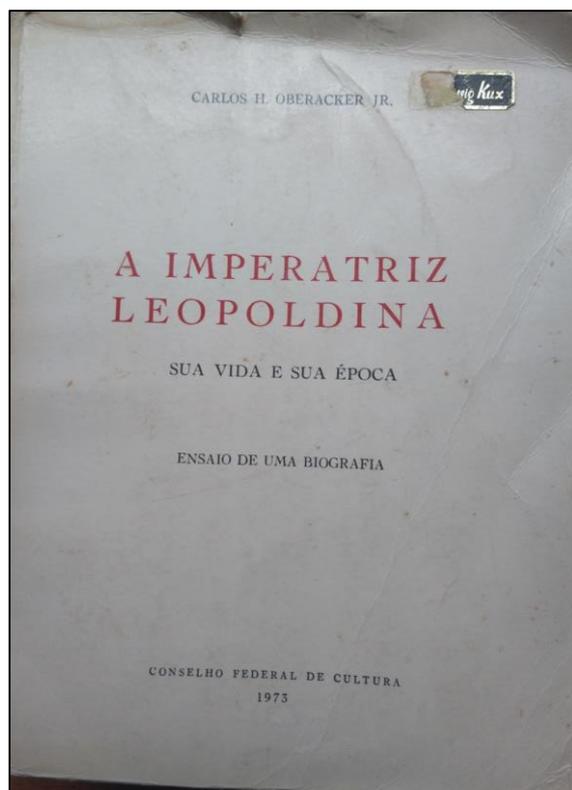
Como se viu, o desempenho do Esquadrão de Lanceiros Alemães, na batalha do Passo do Rosário, foi igual ao da maior parte da cavalaria imperial: fraco. O Esquadrão, ao término do combate, estava irreparavelmente desintegrado. Uma parte acompanhou o grosso do exército, na retirada para Cacequi.

"A pé, seguiam à força grande número de cavalarianos, dentre os quais muitos lanceiros alemães..." escreveu a Testemunha Ocular, que ainda acusa o 4º RC de não haver fornecido montadas de troca para os alemães.

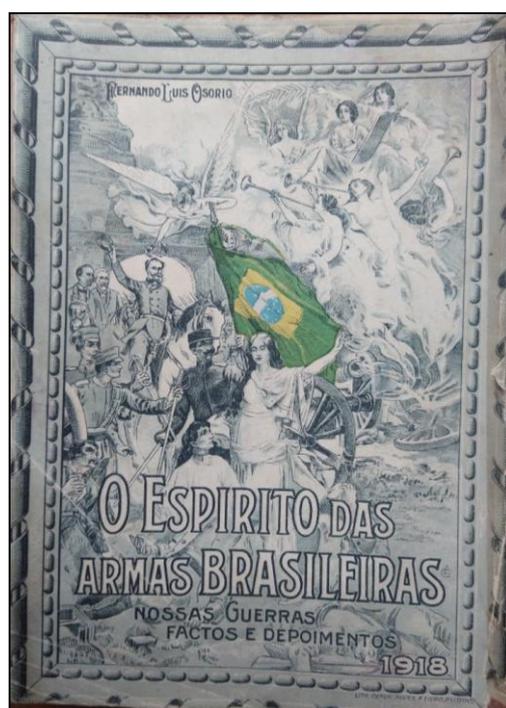
Uma outra parte, desgarrada, retirou-se por outro caminho. Dois dias depois do combate, Seweloh registrou seu diário: "Recebo notícia de que o Major Heise, com muita gente, tomou a estrada de São Gabriel".

Na verdade, talvez por seu pequeno efetivo, o Esquadrão não despertou especial atenção dos cronistas desse combate. Nas partes de combate — "parte de combate" é o relatório que os comandantes escrevem, após uma batalha — o único chefe que arriscou um elogio, assim mesmo de forma indireta, aos cavalarianos alemães, foi o Brigadeiro Barreto, comandante da 1ª Divisão (que pouco ou nada comandou na batalha, devido à vigorosa interferência do Marechal Brown em sua Divisão).





OBERACKER Jr. Carlos H. A Imperatriz Leopoldina.  
Rio de Janeiro:  
Conselho Federal de Cultura, 1975.



OSORIO, Fernando Luis. O Espírito das Armas Brasileiras. Pelotas: Typographia Nacional, 1918.

**ATENÇÃO – NA PRÓXIMA 4ª FEIRA, DIA 28 DE SETEMBRO, REUNIÃO MENSAL DA AHIMTB/RS NO AUDITÓRIO DO MUSEU MILITAR DO CMS. ESPERAMOS A PRESENÇA DE TODOS. CAMINHA.**

**EDITOR:  
LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS  
([LECAMINHA@GMAIL.COM](mailto:LECAMINHA@GMAIL.COM))  
PRESIDENTE DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO  
BRASIL/RS - AHIMTB/RS  
ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA  
[WWW.ACADHISTORIA.COM.BR](http://WWW.ACADHISTORIA.COM.BR)**